

DESAFIO NACIONAL

Com o fim do lixão de Brasília, o **Correio** investigou como estão as pessoas que sobreviviam dali. Muitos circulam pela capital em busca de recicláveis, embora a atividade seja regulamentada e contribua para a sustentabilidade



Ed Alves/CB/D.A. Press

Do caos ambiental ao drama nas ruas

» THAYS MARTINS*

Desativado há cerca de seis anos, o lixão da Estrutural, o maior da América Latina, ainda desafia mais de 2 mil catadores, que tiravam dali seus sustento. Alguns deles foram para as cooperativas, mas a maioria trabalha por conta própria nas ruas. Autoridades afirmam que os esforços são feitos para readequar os profissionais, mas os próprios reagem, informando que na prática atuam na informalidade e sem condições.

Em meio à lacuna profissional, aproxima-se o fim do ano e, 2024 é a data-limite para que todos os municípios encerrem as lixões por razões sanitárias e também climáticas. Municípios, com menos de 50 mil habitantes, anteciparam-se. Aqueles com mais de 50 mil, a data era o ano passado, ordem descumprida por boa parte deles. Todas as capitais, pelo menos, conseguiram fechar seus lixões. As últimas foram Boa Vista e Porto Velho.

Apesar de Brasília ter conseguido encerrar seu lixão, a realidade em seu arredor não é a mesma. Das 12 cidades que compõem o Entorno do DF, somente quatro têm aterros (Valparaíso, Ocidental, Águas Lindas e Alexânia). No ano passado, o governo federal empenhou R\$ 32 milhões no Programa Lixão Zero, mais do que o dobro que em 2022. Por

Para saber mais

Mudança radical

Em 2018, após 60 anos de funcionamento, o lixão foi fechado. Hoje, a área serve para receber entulho da construção civil. Mas há pouco tempo, o terreno de 201 hectares que fica a 20 km da Esplanada dos Ministérios e ao lado do Parque Nacional de Brasília, onde fica o segundo maior reservatório de água do DF, chegou a armazenar 40 milhões de toneladas de resíduos.

O lixão chegou a ser considerado o segundo maior do mundo,

enquanto para este ano, R\$ 4 milhões foram empenhados. Segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, ainda estão ativos 1.572 lixões no país, 345 deles estão no Centro-Oeste.

Um verdadeiro “exército” de pelo menos 800 mil catadores no país aguardam medidas práticas de apoio para planejarem suas vidas. Só no Distrito Federal, há aproximadamente 3 mil pessoas em situação de rua, das quais 33,6% coletam material reciclável para conseguir renda, segundo a

Ricardo Stuckert/Reprodução



A catadora Aline Souza coloca a faixa presidencial em Lula

Gustavo Moreno/CB/D.A. Press



atrás apenas do de Jacarta, na Índia. Toda uma cidade cresceu ao redor dele. A Estrutural, região administrativa do DF desde 2004, surgiu a partir do agrupamento de pessoas que buscava

sobreviver do do lixo. Atualmente, são cerca de 36 mil pessoas, pelos dados de 2022, cuja renda média é de R\$ 695.

A vida no lixão não era fácil. Segundo dados de grupo de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), quase um terço dos trabalhadores relataram doenças contraídas no serviço. De acordo com o Serviço de Limpeza Urbana, de 2009 a 2017, foram registrados pelo menos 47 acidentes. Entre as tragédias, está a do catador Jhony Pereira de Sousa, de 17 anos, que morreu em 2 de fevereiro de 2008, atropelado por um caminhão de lixo, como foi mostrado pelo Correio. (TM)

Companhia de Planejamento do DF (Codeplan). O **Correio** conversou com eles, especialistas e autoridades para compreender o tamanho do desafio.

Expectativas

Para Lauzina Ribeiro, catadora por quatro anos no lixão da Estrutural, o fechamento do local forçou o caminho das ruas. “Quando as pessoas trabalhavam lá, tinham uma renda”, recorda Lauzina. Aline Souza, catadora há 30 anos e uma das

representantes do Movimento de Catadores em Brasília, também se angustia com a situação. “A questão financeira não melhora”, desabafa.

Referência entre os colegas de profissão, Aline colocou a faixa na presidente Luiz Inácio Lula da Silva na cerimônia de posse em 1º de janeiro de 2023 e tem orgulho do momento que viveu. Mas se entristece quando lembra que, no passado, quando havia lixão o salário dos colegas era quatro vezes maior do que o atual. “(A situação) melhora só a partir

do momento que o Poder Público entenda que o serviço que os catadores fazem é um serviço prestado à sociedade e ao próprio governo. Então ele tem que ser pago”, destaca.

O chefe da Unidade de Sustentabilidade e Mobilização Social do Serviço Limpeza Urbana (SLU), Francisco Mendes, ressalta que há um esforço por mudança no que chama “fase de transição”. A empresa mantém 15 galpões para os catadores que atuam na coleta seletiva. São 40 as cooperativas contratadas. O SLU paga um valor fixo pela quantidade e tipo de material separado, o catador ainda fica com a quantia arrecadada com a venda dele. Um quilo de papel rende apenas R\$ 0,20. “Foi delicada essa transição, não foi assim uma coisa tão fácil e nem rápida, mas teve sim uma preparação.”

Porém, os catadores afirmam que a realidade é outra, pois nem todas as cooperativas têm contrato com o SLU e, na prática os custos de operação ficam por conta dos cooperados. São eles que pagam as despesas com a manutenção dos equipamentos, água, luz e internet dos galpões.

“A gente tem catador que recebeu no ano passado R\$ 250 por mês. Então, assim, como é que um pai de família, uma mãe de família paga um aluguel de R\$ 600 recebendo R\$ 250?”, questiona Aline. “Não adianta o SLU lançar um edital para contratar um terço das cooperativas e dentro das cooperativas contratar um terço dos catadores. O que resolve é contratar todas as cooperativas e pagar o valor adequado”, acrescenta Ronei.

Cooperativas

Apesar das críticas, o modelo das cooperativas ainda tem se mostrado a melhor solução, segundo Anderson Nassf, diretor da Associação Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (Ancat). Ele próprio foi catador em lixão nos anos 2000 em Orlandia, no interior de São Paulo. “Posso afirmar que funciona porque estamos há 19 anos, né?”, recorda.

“Talvez seja a única profissão

» Invisibilidade

A invisibilidade de catadores que trabalham na rua foi o que fez surgir, em 2012, o Pimp my carroça, associação da sociedade civil sem fins lucrativos que promove ações pelas catadoras e catadores do Brasil. Com a iniciativa, veio um primeiro grafite em uma carroça. Com a arte, os catadores perceberam que eram mais vistos e respeitados. “A partir daquele momento as pessoas passaram a olhar de outra forma”, orgulha-se Nanci Darcolete, catadora e assistente na organização não governamental Incidência Política. Além dos grafites, são promovidas ações, como o aplicativo Catakí, em que os catadores podem se cadastrar e quem precisa contratar o serviço do carroceiro pode fazer isso por lá. Nanci brinca que é uma espécie de Tinder.

no mundo que trabalha de forma gratuita”, diz para ressaltar a falta de contratos formais de trabalho. “Tem instrumentos que poderiam sair do papel e deixar de ser exceção e ser regra para fazer com que esses catadores, que já vêm contribuindo há dezenas de anos por uma boa gestão de resíduos no país, sejam definitivamente valorizados e não tratados como meros coitadinhos.”

Em 2017, a Defensoria Pública da União ajuizou uma Ação Civil Pública (ACP) na Justiça Federal contra a União e o Distrito Federal por entender que a lei não pode condicionar a continuidade da atividade profissional dos catadores ao trabalho por meio de uma associação ou cooperativa. A ação pede o fornecimento de cesta básica mensal, no valor de um salário mínimo, aos catadores, pelo prazo de dois anos e uma indenização no valor de R\$ 114.346,59. O processo corre na Justiça Federal.

*Esta reportagem foi produzida com o apoio de bolsa e mentoria da Thomson Reuters Foundation

Ação sustentável

Pelo menos um em cada três municípios ainda têm lixões ativos, segundo a Confederação Nacional dos Municípios. São cerca de 72 milhões de toneladas de resíduos indo para áreas de disposição inadequada, de acordo com a Associação Brasileira de Resíduos e Meio Ambiente (Abrema). O fim dos lixões está diretamente relacionado ao papel dos catadores para a melhor gestão de tudo que é descartado. Um trabalho de reciclagem permanente.

A decomposição de matéria orgânica nos lixões produz metano, um gás 28 vezes mais potente, em termos de aquecimento global, do que o dióxido de carbono (CO2). Os lixões são responsáveis por 4% das emissões de gases de efeito de estufa no Brasil, segundo relatório do Observatório do Clima. Por isso, encerrar os lixões é uma das

maneiras do Brasil contribuir para a solução da crise climática.

“Uma das nossas lutas é esse reconhecimento do catador de material reciclável como agente que trabalha pelo meio ambiente. Nós não somos ambientalistas por querer, nós somos ambientalistas pela nossa função. Então a gente queria esse reconhecimento, por isso que a gente luta pelo pagamento pelos serviços ambientais. Se a gente conseguisse isso, a gente conseguiria pelo menos pagar dois salários mínimos para um catador de material reciclável que é o salário base, por exemplo, de um gari”, explica Ronei da Silva, da Associação Nacional de Catadores de Recicláveis.

Em julho, o governo federal anunciou R\$ 425 milhões para programas voltados para as catadoras e catadores de recicláveis. Entre as ações estão o Conexão

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



A atividade de reciclar o descarte ajuda a preservar o meio ambiente

Cidadã, que visa facilitar o acesso dessa população a programas sociais, e o novo Cataforte, cujo objetivo é fortalecer e estruturar cooperativas e associações de catadores de recicláveis.

Anteriormente, em março, as cooperativas passaram a poder

se cadastrar no Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos. O objetivo é que fique mais fácil para os estados e municípios contratarem esse serviço e também a saber definir critérios para o pagamento por serviços ambientais. (TM)

» Regulamentação

Regulamentada em 2022, a profissão de catador ainda tem muito o que avançar. Sefora Char, coordenadora nacional de Promoção da Regularidade do Trabalho na Administração Pública do Ministério do Público do Trabalho (MPT), acredita que ela deve imprimir dignidade e “tentar afastar o fantasma da estigmatização” dessa categoria de trabalhadores. Para ela, as autoridades devem incentivar a atividade desses profissionais. Segundo Aguinaldo Nogueira Maciente, especialista em Políticas de Emprego e Mercado de Trabalho, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a legislação brasileira está atrasada em relação a de outros países.



GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



AVISO DE LICITAÇÃO

Pregão Eletrônico nº. 90013/2024

OBJETO: Serviço de criação de vídeo institucional, conforme condições, quantidades e exigências estabelecidas no Edital e seus anexos. Total de Itens Licitados: 01. Edital: 28/08/2024. Endereço: www.gov.br/compras. Entrega das Propostas: a partir de 28/08/2024 - às 08h00 no site www.gov.br/compras. Abertura das Propostas: 11/09/2024 - às 10h00 site www.gov.br/compras.

Adão Cabral Fontiga
Agente de Contratação